EDIÇÃO MARAVILHOSA

Edição MARAVILHOSA

CLÁSSICOS ILUSTRADOS

Nº 31
Cr$ 4,00

Romances, Clá sicos, Universais, Em Quadrinhos, ecomendados Para Maiores de 12 An dade

JOSÉ de ALENCAR

DESENHOS de ANDRÉ LE BLANC

Iracema

A Vida de JOANA D'ARC

em quadrinhos, tão pedida pelos leitores da *"Edição Maravilhosa"*, vem publicada no *"Álbum Gigante"* n.º 21, à venda nos jornaleiros. Tôda a história do filme condensada em desenhos.

EDIÇÃO MARAVILHOSA

NÚMERO 31 **JANEIRO - 1951**

CONQUANTO se intitule **"Edição Maravilhosa"** e tenha como sub-título "Clássicos Ilustrados", é preciso que os nossos leitores não se esqueçam que somos apenas uma revista, de preço ínfimo, mas de grande tiragem. Falamos assim, porque leitores há que confundem revista com livro. E esquecem que, qualquer dos romances que publicamos condensado e desenhado, resumido e mastigado, em seu tamanho, formato e tipo original custaria no mínimo dez vêzes o preço de uma **"Edição Maravilhosa"**. E pelo preço de **um** romance, graças ao nosso sistema, o leitor, compra **dez** romances!



O grande universo da época de Colombo é hoje um mundo só, e, por sinal pequeno. A vida moderna não permite a leitura dos calhamaços. A dificuldade da condução, hoje, aos sacolejos nos ônibus e lotações ou trens superlotados; o rádio a martelar os sambas e novelas; o cinema e a televisão a nos dar últimas novidades da Coréia — tudo isso é razão para que as histórias em quadrinhos vençam o campo do jornalismo e torne um "homem do seu tempo" aquêle que nos lê...



A primeira série da **"Edição Maravilhosa"** foi de 24 volumes, em formato menor que o atual, iniciada com "Os Três Mosqueteiros", de Alexandre Dumas, e terminada com o "Guarani", de José de Alencar. O sucesso foi enorme. "Nunca se vendeu tanto em tão pouco tempo por preço tão barato"... — comentou o nosso gerente ao diretor.



A 2.ª série, iniciada com "A Máscara de Ferro", de Alexandre Dumas, tem sido acerbamente criticada. Os leitores pedem mais romances de ação que filosofia... Contra "Alice no País das Maravilhas", por exemplo, Sérgio Frazão, de São Luiz do Maranhão, investe com tôdas as armas, considerando essa obra prima da literatura inglesa como "uma narrativa medíocre, imprópria às mentalidades elevadas dos leitores". Considera-a "infantil", e, entretanto, pede que publiquemos "Tarzan, o Filho das Selvas", que, decididamente não é clássico, mas bastante infantil...



Vamos, porém, atender a gregos e troianos. Mas os nossos leitores e colecionadores devem se comprometer conosco a não "estrilar" quando lhe "impingirmos" numa **"Edição Maravilhosa"** um livro acima da mentalidade comum... Não faz mal nenhum, de quando em vez, ficar-se mais culto, lendo-se, embora não se o entenda, um livro que milhões de outros já leram e talvez, também, não entenderam...



De Vitor Hugo, êste ano teremos "Os Miseráveis", "Os Trabalhadores do Mar" e "O Homem Que Ri". De Alexandre Dumas, "Tulipa Negra". De Charles Dickens, "Grandes Esperanças". De Júlio Verne, "A Volta ao Mundo em 80 Dias". De Robert Louis Stevenson, "O Médico e o Monstro". De Eugene O. Süe, "Mistérios de Paris". De Mary W. Shelley, "Frankenstein". De Edward Everet Hale, "O Homem Sem Pátria". De Mark Twain, "Tom Sawier". De Benevenuto Cellini, o grande artista italiano, a sua auto-biografia romanceada e aventurosa, e, por fim, "A Mansão das Sete Águas Furtadas".

Ainda de José de Alencar, estamos preparando "O Tronco do Ipê", em desenhos de André Le Blanc.



EDIÇÃO MARAVILHOSA (Classicos Ilustrados) — Publicação de propriedade da Editora Brasil-América Limitada, especializada em livros e revistas para Crianças, Moças e Rapazes. Direção de Adolfo Aizen. Escritório, Redação e Oficinas à Rua Abílio, 302 (São Januário), Telefone 48-6391, Rio de Janeiro. Edifício próprio. Outras publicações da mesma empresa: *"Superman"*, *"O Idilio"*, *"Mindinho"*, *"O Herói"* e *"Album-Gigante"*. Direitos adquiridos a "Classics Illustrated", The Gilberton World-Wide Publications - U.S.A.

Quem foi JOSÉ de ALENCAR



José Martiniano de Alencar, mais conhecido pelo nome de José de Alencar, nasceu no Ceará no dia 1 de janeiro de 1829. Tinha 17 anos quando em 1846 se matriculou na Faculdade de Direito de S. Paulo, para tomar, como tomou, o grau de bacharel, tendo ido, porém, em 1848 concluir os seus estudos jurídicos e formar-se na escola de Olinda, em Pernambuco.

Em S. Paulo começou a manifestar o seu talento literário, publicando vários artigos num periódico intitulado "Ensaios", redigido pelos estudantes da Faculdade, que apareceu em S. Paulo nos anos de 1846 a 1848.

Em 1851 concluiu Alencar o seu curso, e veio logo para o Rio de Janeiro, entregando-se então com mais desafogo aos trabalhos literários. Estreou-se na capital do Império escrevendo no "Correio Mercantil" um artigo de crítica acêrca das "Poesias" de Augusto Zaluar. Nesse mesmo ano, como que para mostrar que as suas preocupações literárias o não desviavam de estudos mais áridos, escreveu alguns artigos sôbre a reforma hipotecária, e em seguida começou a escrever, sempre no "Correio Mercantil", umas revistas semanais, intituladas: "Ao correr da pena", e assinadas com a sigla "Al".

Em julho de 1855 saiu da redação do "Correio Mercantil", e passou a colaborar no "Jornal do Comércio", onde escreveu, entre outros artigos, um a respeito de Thalberg, outro a respeito do "Otelo", e outro acêrca do padre Mont'Alverne. Em outubro de 1855 assumiu a direção do "Diário do Rio de Janeiro", que conservou até 1858.

Em 1856 publicou o seu primeiro folheto, que devia ser seguido por tamanho número de volumes. Êsse folheto intitulava-se: "Cartas sôbre a confederaçao dos Tamoios", e era uma coleção de folhetins que haviam sido publicados no "Diário do Rio de Janeiro", e em que se fazia a crítica do célebre poema de Gonçalves Dias.

Em 1857, finalmente, saía o "Guarani", o famoso romance brasileiro, que produziu um verdadeiro entusiasmo, e que deu a José de Alencar os fóros merecidíssimos de primeiro romancista brasileiro. Alguns críticos rabujentos notavam que aquêles índios de José de Alencar eram "plus beaux que nature", que eram uns índios ideais, muito diversos das criaturas porcas, rebaixadas e deprimidas que representam na atual civilização brasileira o elemento indígena. Êsses críticos porém esqueciam-se de uma coisa: de que os índios atuais não são os índios que vivem livremente na floresta, na plenitude da sua fôrça e da sua independência, e também de que, se os guaranis de Alencar são pelo menos índios de exceção, índios de exceção eram também de certo aquêle suave Uncas, o último dos moicanos, e o pensativo Chingachgook, que viviam em tão santa harmonia com o Longa Carabina, aquêle Nataniel Bempo, personagem querido de Fennimore Cooper.

Mas os protestos, se os houve, desapareceram no meio do côro uníssono dos aplausos. O Brasil tinha finalmente uma literatura sua, bem sua, romances que se não modelavam pelas formas velhas e gastas dos romances europeus. A América do Sul tinha enfim o seu Cooper.

Peri, Isabel, Álvaro, Aires Gomes foram personagens que ficaram para sempre gravados no espírito do público brasileiro, e, para mais se consagrar a glória do "Guarani"* até o grande maestro brasileiro Carlos Gomes escolheu êste formoso romance para dêle extrair o "libretto" da sua ópera o "Guarani", que é a obra prima da música brasileira, e uma das mais notáveis óperas do nosso tempo, hoje com fama universal, e representada com aplauso em todos os teatros do mundo.

O que, porém, sobretudo se apreciava no "Guarani", e a êsse respeito não havia diversidade de opiniões, era a beleza incomparável do estilo, a magnificência das descrições da natureza.

Ao mesmo tempo tentava José de Alencar o teatro, e, depois de fazer representar uma comédia de valor secundário "Verso e reverso", dava ao teatro a sua obra prima, também uma das obras primas do teatro brasileiro, "O Demônio familiar". É esta comédia um magnífico estudo dos costumes brasileiros, e foi decerto um profundo golpe vibrado à escravatura, porque o seu entrecho se cifra principalmente na demonstração da influência nefasta do "moleque" na família brasileira. O "Demônio familiar" é êsse moleque, elemento permanente de discórdia e desmoralização.

O "Guarani" e o "Demônio familiar" bastavam para assegurar a glória de um escritor; mas José de Alencar foi sempre consumido por uma sêde insaciável de escrever. Trabalhava com uma rapidez tal que isso prejudicava muitas vêzes o acabado das suas obras, e impedia-o de lhes fazer atingir a perfeição, a que poderiam, aliás, ter chegado tanto quanto isso é possível a obras humanas.

Citemos ainda dois dos seus melhores romances: o "Gaúcho" e "Iracema". O caráter do gaúcho, que adora a sua égua "Morena", que o entende, que lhe fala e que o escuta, está traçado com uma rara perfeição. "Iracema" é sobretudo um romancinho adoràvelmente escrito. Nunca o estilo de Alencar atingiu tão delicada suavidade. Exala-se de cada período como que o perfume das flores com que se elabora o mel das suaves palavras.

As "Minas de prata" passam por ser um dos seus menos bons romances; encerra contudo algumas cenas primorosas. Queixam-se os paulistas de que as paisagens da sua provincia descritas no "Til", são perfeitamente fantasistas; "Ubirajara", "A pata da gazela", "O tronco do ipê", se não aumentaram a reputação do grande romancista, não a prejudicaram também. O "Sertanejo", muito criticado por alguns, parece-nos contudo um dos seus bons romances. As paisagens que êle descreve são as paisagens da província

* *"O Guarani", em quadrinhos, foi publicado na* "Edição Maravilhosa" n.° 24.

(CONCLUI NA PÁGINA 49)

Iracema

JOSÉ de ALENCAR

Desenhos de ANDRÉ LE BLANC

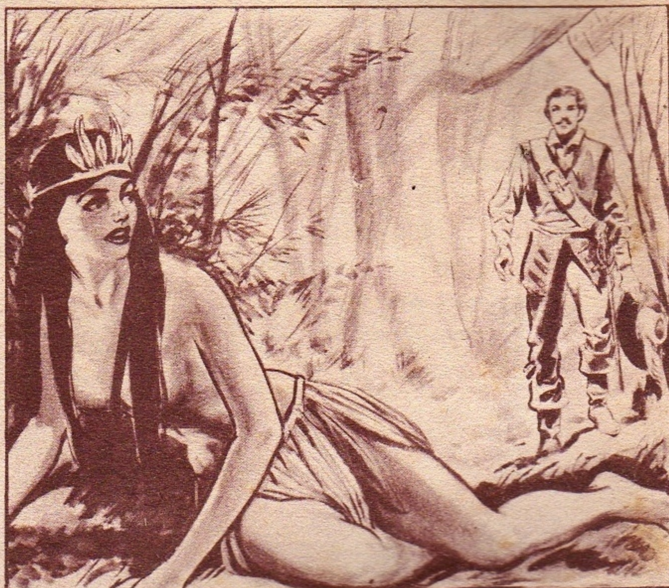
Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara. O pé gracil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra, com as primeiras águas...

José de Alencar — IRACEMA

Um dia, ao pino do sol ela repousava em um claro da floresta. Iracema saiu do banho: o aljofar da água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta...



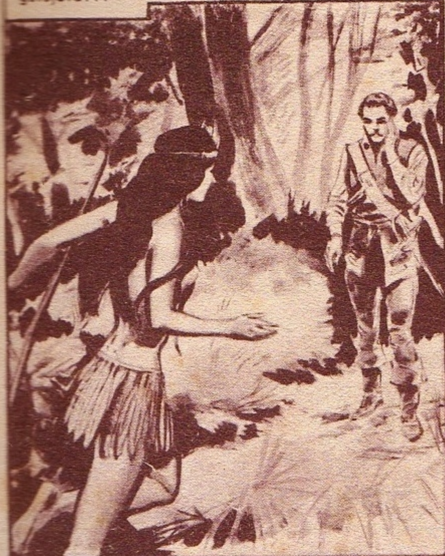




1 - José de Alencar

IRACEMA

A virgem lançou de si o arco e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara . . . A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava . . .



Depois, Iracema quebrou a flecha homicida; deu a a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada . . .







O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta. Quando o sol descambava sôbre a crista dos montes, e a rôla desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, êles descobriram no vale a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos joazeiros, a cabana do pajé. O ancião estava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã...

O pajé lobrigou os dois vultos que avançavam. Conheceu Iracema e viu que a seguia um jovem guerreiro, de estranha raça e longes terras...

As tribos tabajaras, de além Ibiapaba, falavam de uma raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fôsse um guerreiro semelhante. Tranqüilo esperou...

Êle veio, pai.

É Tupã que traz o hóspede à cabana de Arakén.

Assim dizendo, o pajé levantou-se e conduziu o estrangeiro para o interior da cabana. Iracema acendeu o fogo da hospitalidade e apanhou provisões para satisfazer a fome e a sêde do recém-vindo. Depois a virgem trouxe a igaçaba com água fresca para lavar o rosto e as mãos do hóspede. Quando o estrangeiro acabou, o velho pajé apagou o cachimbo e disse...

Benvindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Arakén. Os tabajaras têm mil guerreiros para defendê-lo e mulheres sem conta para serví-lo. Manda e todos te obedecerão.

Eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro que fizeste amigo.





A canã piou, além, na extrema do vale. Caía a noite. Iracema voltava com as mulheres chamadas para servir o estrangeiro . . .






O guerreiro cristão atravessou a cabana e sumiu-se na treva. Olhou o céu azul sem nuvens. A estrêla morta, que então brilhava sôbre a cúpola da floresta, guiou seu passo firme para as frescas margens do rio das garças. Quando êle transmontou o vale e ia penetrar na mata, surgiu o vulto de Iracema . . .


Ela o seguira como a brisa sutil que resvala sem murmurejar por entre a ramagem . . .
Por que o estrangeiro abandona a cabana hospedeira sem levar o presente de volta? Quem fêz mal ao guerreiro branco, na terra dos Tabajaras?


Ninguém fêz mal a teu hóspede, filha de Arakén. Era o desejo de ver seus amigos que o afastava dos campos dos Tabajaras. Não levava o presente da volta, mas leva em sua alma a lembrança de Iracema.


Se a lembrança de Iracema estivesse na alma do estrangeiro, ela não o deixaria partir. O vento não leva a areia da várzea, quando a areia bebe a água da chuva. Se tens que ir, espera que Caubi volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido que pressente a boicininga entre a mata; e o olhar do oitibó, que vê nas trevas. Êle te guiará.


Martim voltou à cabana. A alva rêde, que Iracema perfumara com a resina do benjoim, guardava-lhe um sono calmo e doce. O cristão adormeceu, ouvindo suspirar entre os murmúrios da floresta o canto mavioso da virgem dos Tabajaras . . .


Entretanto o maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da serra do Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo potiguara. Ainda a sombra cobre a terra, quando o boré retrôa pela amplidão do vale. Travam das armas os rápidos guerreiros, e correm ao campo. Na vasta ocara circular, Irapuã solta o grito de guerra...
Tupã deu à nação tabajara a guarda das serras e dos ipus onde cresce a maniva e o algodão. Ao bárbaro potiguara deu as areias do mar e as sêcas terras sem florestas. Já os emboabas ameaçam nossos campos, aliados aos fracos potiguaras. Faremos como a pomba, que se encolhe em seu ninho quando a serpente se enrosca pelos galhos?


O irado chefe brande o tacape e o arremessa no meio do campo. Troa e retroa a pocema da guerra. O mais moço dos guerreiros levanta do chão a arma e, por sua vez, a brandiu. Girando no ar, o tacape do chefe passa de mão em mão como símbolo de guerra...


Mas o velho Andira, irmão do pajé, deixou tombar no chão o tacape do chefe e calcou-o com o pé ágil ainda, e firme. Pasmam todos do voto de paz demonstrado pelo idoso guerreiro...
O velho Andira bebeu mais sangue na guerra, do que já beberam cauim nas festas de Tupã, todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos. A nação tabajara deve encostar o tacape da luta para tanger o membi da festa. Que venham os emboabas e Andira vos promete o banquete da vitória.


Fica tu escondido entre as igaçabas de vinho, velho morcego, que temes a luz do dia e só bebes o sangue da vítima que dorme! Irapuã leva a guerra no punho de seu tacape!

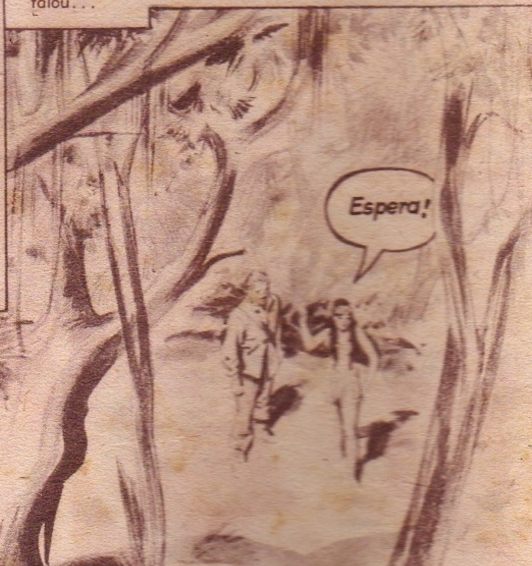
Martim vai a passo e passo por entre os altos joazeiros que cercam a cabana do pajé. Era o tempo em que o doce aracati chega do mar, e derrama a deliciosa frescura pelo árido sertão. O cristão contempla o ocaso do sol, cuja sombra penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que ali deixou. Iracema aproximou-se...





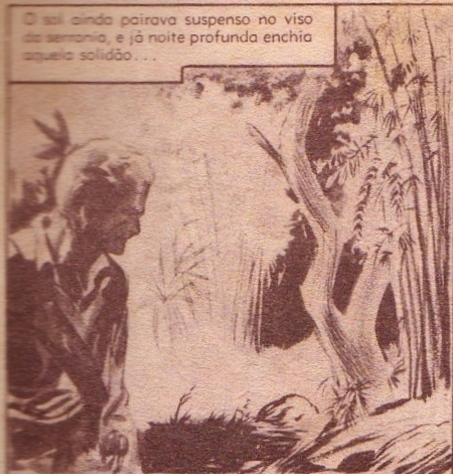


Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do pajé. Atravessaram o bosque e desceram ao vale. Onde morria a falda da colina o arvoredo era basto. Antes de penetrar no recôndito sítio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Iracema fêz um gesto e falou...





Logo depois desapareceu no mais sombrio do bosque. Era de Jurema o bosque sagrado. Em tôrno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos galhos pendiam, ocultos pela rama escura, os vasos do sacrifício; lastravam o chão as cinzas de extinto fogo, que servira à festa da última lua...



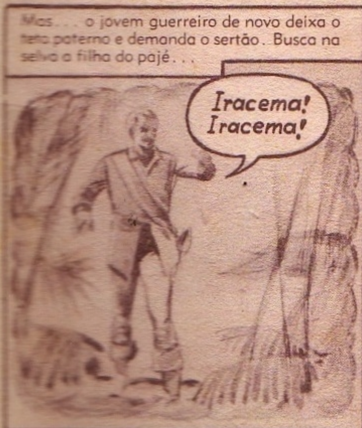
Quando a virgem tornou, trazia numa fôlha gôtas de verde e estranho licôr vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste...





Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte, porém logo o luz inundou-lhe os seios da alma. Reviveu os dias passados melhor do que os tinha vivido. Ei-lo que volta à terra natal, abraça a velha mãe, revê mais lindo e terno o anjo puro dos amôres infantis...





A virgem reclinou-se ao peito do guerreiro e ficou ali trêmula e palpitante como a tímida perdiz, quando o terno companheiro lhe arrufa com o bico a macia penugem...



Súbito a virgem tremeu; soltando-se rápida do braço que a cingia, travou do arco . . .



Passou entre as árvores, silenciosa como uma sombra; seu olhar cintilante coava entre as fôlhas, qual frouxo raio de estrêlas. Ela escutava o silêncio profundo da noite e aspirava as auras sutis que aflavam. Parou. Uma sombra resvalava entre as ramas e nas folhas crepitava um passo ligeiro, se não era o roer de algum inseto. A pouco e pouco o tênue rumor foi crescendo e a sombra avultou . . .

Era um guerreiro. De um salto a virgem estava em face dêle, trêmula de susto e mais de cólera . . .



E rugindo de sanha o chefe tabajara avançou de olhos fixos na virgem . . .



A virgem estremeceu. O guerreiro cravou nela o olhar abrasado . . .





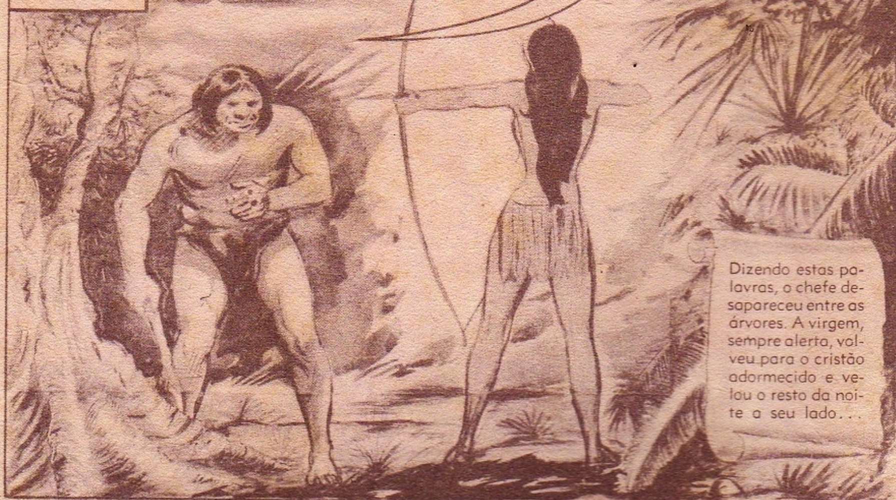


A virgem retraiu dum salto o avanço que tomara e retesou o arco. . .

A filha de Arakén não teme o chefe dos guerreiros. Se Irapuã avançar para o estrangeiro, Irapuã avançará para a morte!

O chefe cerrou ainda o punho do formidável tacape; mas pela vez primeira sentiu que êle lhe pesava no braço robusto. O golpe que devia ferir Iracema, ainda não alçado, já lhe transpassava, a êle próprio, o coração. Conheceu quanto o varão forte é, pela sua mesma fortaleza, mais cativo das grandes paixões...

A sombra de Iracema não esconderá sempre o estrangeiro à vingança de Irapuã. Vil é o guerreiro que se deixa proteger por uma mulher!



As emoções recentes, que agitaram sua alma, a abriram ainda mais à doce afeição que iam filtrando nela os olhos do estrangeiro. Desejava abrigá-lo contra todo o perigo, recolhê-lo em si como em um asilo impenetrável. Mas quando passou a alegria de o ver salvo dos perigos da noite, entrou-lhe mais viva a inquietação, com a lembrança dos novos perigos que iam surgir. E a virgem suspirou, retirando-se lentamente...



A alvorada abriu o dia e os olhos do guerreiro branco. A luz da manhã dissipou os sonhos da noite, e arrancou de sua alma a lembrança do que sonhara. Não sabia onde estava. À saída do bosque sagrado encontrou Iracema reclinada num tronco áspero do arvoredo. Tinha os olhos no chão; o sangue lhe fugira das faces; o sangue lhe tremia nos lábios, como gôta de orvalho nas folhas do bambu...



José de Alencar **IRACEMA**





A jovem olhou Martim com tristeza . . .



Reboa longe na selva um clamor estranho. São gritos de alegria de Caubi, irmão de Iracema, anunciando sua chegada aos campos dos tabajaras. Martim e Iracema caminham de volta como dois jovens cervos que ao pôr do sol atravessam a capoeira recolhendo ao aprisco . . .



Iracema colheu sua alva rêde de algodão com franjas de penas, e acomodou-a dentro do uru de palha trançada. Martim esperava na porta da cabana. A virgem veio a êle...





O mancebo tomou as suas armas e dispôs-se a partir. Adiante seguiu Caubi, a alguma distância o estrangeiro, logo após Iracema. Desceram a colina e entraram na mata sombria. O seio da filha de Arakén arfou, como o esto da vaga que se franja de espuma e soluça...



A bôca do guerreiro pousou na bôca mimosa da virgem. Ficaram ambos assim unidos como dois frutos gêmeos do araxá, que saíram do seio da mesma flor.

Na cabana silenciosa, medita o velho pajé. Em sua frente está Iracema. Os grandes olhos da virgem estão rasos de pranto. O sol remontou a umbria das serras. Uma ave noturna desatou o estrídulo. O velho ergueu a fronte estremunhado; mas a virgem compreendeu a origem daquele sinal...



1. José de Alencar

IRACEMA









De repente o rouco som da inúbia reboou pela mata. Os filhos da serra estremeceram, reconhecendo o estrídulo do búzio guerreiro dos Pitiguaras, senhores das praias ensombradas de coqueiros...



Os guerreiros precipitaram-se, levando por diante o chefe. Com o estrangeiro só ficou a filha de Arakén...



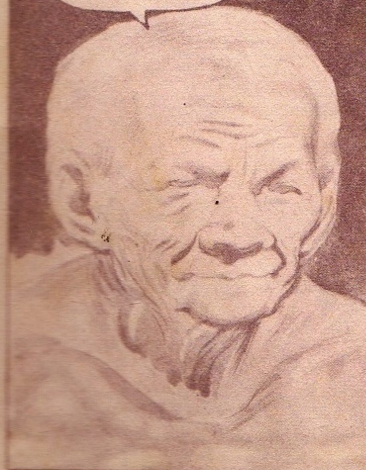
Mas... na grande taba não há inimigos. As matas e campos próximos também não mostram vestígios dos Pitiguaras. Irapuã sente a raiva do lôgro...



...e caminhou direito à cabana do pagé. Como trota o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o rasto da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro...

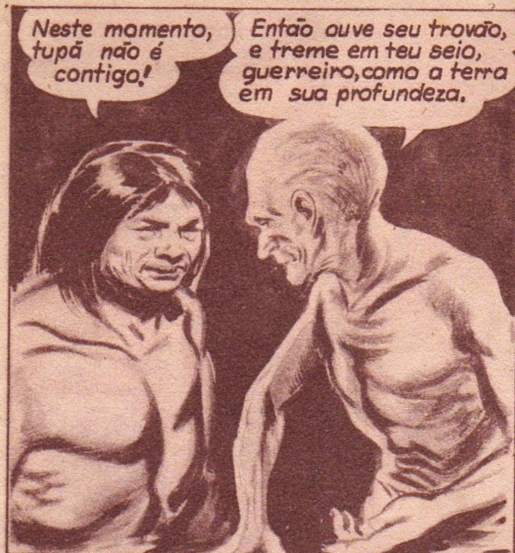

Arakén viu entrar o grande chefe da nação tabajara e não se moveu. Sentado na rêde, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os sucessos da tarde . . .
Arakén, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco. Irapuã veio buscá-lo!


O hóspede é amigo de Tupã. Quem ofender o estrangeiro ouvirá rugir o travão!
O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã, roubando sua virgem, que guarda os sonhos da jurema!


Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo ela morrerá, mas o hóspede de Tupã é sagrado. Ninguém o ofenderá; Arakén o protege!


A raiva de Irapuã não pode mais ouvir-te, velho pajé! Caia ela sobre ti se ousares subtrair o estrangeiro à vingança dos tabajaras!
As iras de Tupã te esmagarão!

José de Alencar — IRACEMA





Súbito abriu-se a terra. Do antro profundo saiu um medonho gemido, que parecia arrancado das entranhas do rochedo . . .

O senhor do trovão é por ti, mas o senhor da guerra será por Irapuã!

O tôrvo guerreiro deixou a cabana; com pouco seu grande vulto mergulhou-se nas sombras do crepúsculo...

IRACEMA

O dia enegreceu; era noite já. No meio da cabana, entre as rêdes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira de carnaúba, e sôbre ela serviu os restos de caça, e a provisão dos vinhos da última lua. O pajé traga as baforadas de fumo da erva de Tupã. De repente, levanta-se no ressono da noite um grito vibrante, que remónta ao céu...

Iracema escutou cantar a gaivota?

Iracema escutou o grito de uma ave que ela não conhece.

O canto da gaivota é o grito de guerra do valente Poti, irmão de Jacaúna, amigo de teu hóspede. É dêle o anúncio de que se acha perto para me salvar.

O estrangeiro está salvo, mas os irmãos de Iracema vão morrer porque ela não falará.

Cuidou Iracema que Poti vinha à frente de seus guerreiros para livrar o amigo. Fôra êle, sem dúvida, que fizera retroar o búzio das praias, no momento do combate. Martim, nêsse momento pusera-se em pé e encaminhou-se para a porta...

Despede essa tristeza de tua alma. O estrangeiro, partindo-se de teus campos não deixará nêles rasto de sangue. Martim vai ao encontro de Poti!

Mas... o hóspede de Arakén não pode saír da cabana, porque os guerreiros de Irapuã o matarão!

Um guerreiro só pede proteção a Deus e as armas. Não carece que o defendam os velhos e as mulheres.

Que vale um guerreiro só contra mil guerreiros? Valente e forte é o tamanduá, que os gatos selvagens mordem por serem muitos, e o acabam!

Tuas armas só chegam até onde mede a sombra de teu corpo, as armas dêles voam alto e direito como o anajê. Iracema irá ao encontro do chefe Potiguara e trará a seu hóspede as falas do guerreiro amigo.

José de Alencar — IRACEMA















Iracema e o cristão, perdidos nas entranhas da terra, descem a gruta profunda . Súbito, uma voz que vinha reboando pela crasta, encheu seus ouvidos. . .



Sim, era a voz do valente Poti que continuava falando do outro lado da caverna . . .





A virgem de Tupã tinha seu pensamento; ela queria, mais do que ninguém, salvar Martim...





Martim transmitiu a Poti o pensamento de Iracema; o chefe pitiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu. . .


O alvo disco da lua surgiu no horizonte. É a "Lua das Flores", a venerada festa dos guerreiros tabajaras. Iracema, depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã, saiu do bosque. Foi dali direito à cabana, onde se achava Martim. Após ambos se encaminharam para o vale. Chegaram à falda do rochedo, que ia morrer à beira do lago...
Os guerreiros dormem agora. Chama teu irmão!


Soltou Martim o grito da gaivota. A pedra que fechava a entrada da gruta caiu, e o vulto do guerreiro Poti apareceu na sombra.
Poti está contente porque vê seu irmão, que o mau espírito da floresta arrebatou de seus olhos.


Os primeiros alvôres do dia encontraram Iracema, e os dois guerreiros amigos, em passo estugado pela floresta, fora dos campos tabajaras...
A filha de Arakén deve tornar à cabana de seu velho pai, que a espera.
Arakén já não tem filha. Iracema quer ser tua espôsa.
A filha do Arakén abandonava assim a cabana do pajé, para não se separar de Martim, que ela amava...


Treme a selva com o estampido da carreira do povo tabajara. Na frente, o grande Irapuã rompe a marcha, brandindo o tacape, seguido de seus guerreiros enfurecidos...


Entretanto, os fugitivos, que desconhecem o perigo iminente, ouvem o latido de um cão. Poti solta o grito de alegria . . .
O cão de Poti guia os guerreiros de sua taba, em socorro do guerreiro branco!


O rouco búzio dos pitiguaras estruge pela floresta. O grande Jacaúna, senhor das praias do mar, chegava do rio das garças com seus melhores guerreiros . . .


No mesmo momento surge Irapuã com os seus . . .
Os pitiguaras recebem o primeiro ímpeto do inimigo nas pontas eriçadas de suas flechas, que êles despedem do arco aos molhos, como o coandu os espinhos de seu corpo. Logo após soar a pocema, estreita-se o espaço, e a luta se trava face a face . . .


Jacaúna e Irapuã medem-se e investem. Quando os dois tacapes se encontram, a batalha tôda estremece, como um só guerreiro, até às entranhas . . .
Jacaúna é um grande chefe, seu colar de guerra dá três voltas em seu peito. O tabajara pertence ao guerreiro branco.

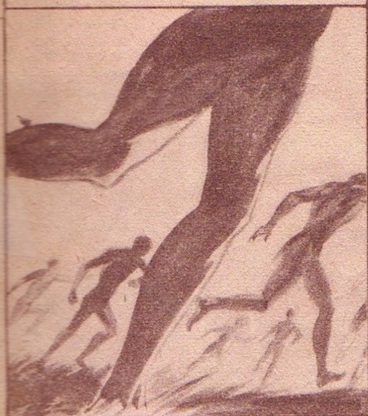

O grande chefe cede o seu lugar ao guerreiro branco. Renhiu-se o combate entre Irapuã e Martim...
A mim, Irapuã!


...Mas a espada do cristão, batendo na clava do selvagem, fêz-se em pedaços. O chefe tabajara avançou contra o peito inerme do adversário...


Iracema silvou como a boicininga e arrojou-se contra a fúria do guerreiro tabajara. A arma rigida tremeu na dextra possante do chefe e êle caiu desfalecido...



Soava a pocema da vitória. Perseguidos pelos pitiguaras, os guerreiros tabajaras deixaram o campo de batalha em precipitada carreira...



Poti voltou de perseguir o inimigo. Seus olhos se encheram de alegria, vendo salvo o guerreiro branco. Japi, o fiel cão de Poti, segue-o de perto, lambendo nos pêlos do focinho a marugem do sangue tabajara, de que se fartara...

Fôra Japi quem salvara Martim, trazendo ali com tanta diligência os guerreiros de Jacaúna...



Mas... os olhos de Iracema, estendidos pela floresta, viram o chão juncado de cadáveres de seus irmãos. Aquêle sangue que enrubecia a terra era o mesmo sangue brioso que lhe ardia nas faces de vergonha. O pranto orvalhou seu lindo semblante...

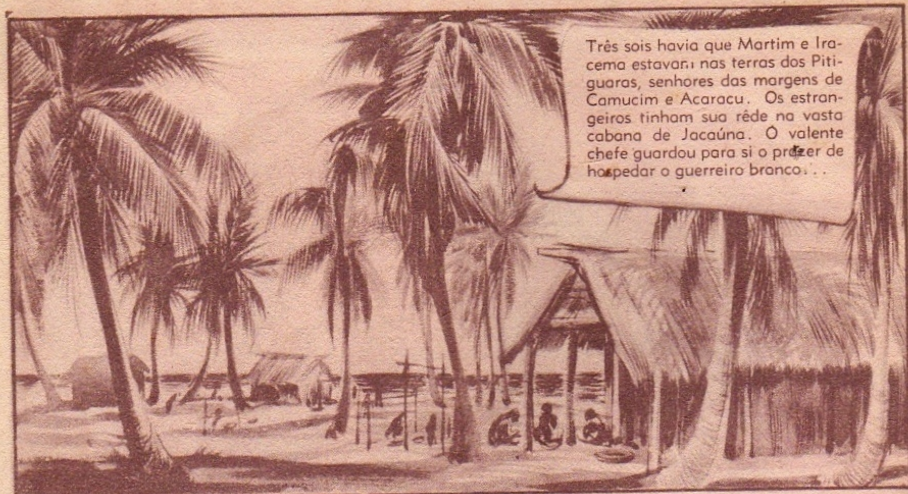




Martim afastou-se para não envergonhar a tristeza de Iracema...

O sol deitou-se e de novo se levantou no céu. Martim, Iracema e Poti seguiram os guerreiros pitiguaras, que tomaram para as margens alegres do rio onde bebiam as garças. Entre as palmeiras se erguia a grande taba dos senhores das praias...











O cristão dirigiu-se a Jacaúna. O grande chefe alegrou-se vendo seu hóspede; mas a alegria fugiu logo de sua fronte quando Martim lhe participou sua partida. Presenteou o guerreiro branco e desejou-lhe boa viagem. Poti chegou; sabendo que o jovem ia partir, disse. . .



José de Alencar — IRACEMA

O guerreiro do mar deixa as margens do rio das garças, e caminha para as terras onde o sol se deita. A espôsa e o amigo seguem sua marcha. Passam além da fértil montanha, onde a abundância dos frutos criava grande quantidade de moscas, de que lhe veio o nome de Meruoca...

Expira o dia. Os viajantes dormem em Uruburetama...

Perlongando as frescas margens, viu Iracema no seguinte sol os verdes mares e alvas praias, onde as ondas murmurosas soluçam às vêzes e outras raivam de fúria rebentando em frocos de espuma. A filha dos tabajaras apanhava conchas mimosas para ornar seu colo...

Os olhos do guerreiro branco se dilataram pela vasta imensidade; seu peito suspirou. Êsse mar beijava também as brancas areias de Potengi, seu berço natal, onde êle vira a luz americana...

José de Alencar — IRACEMA

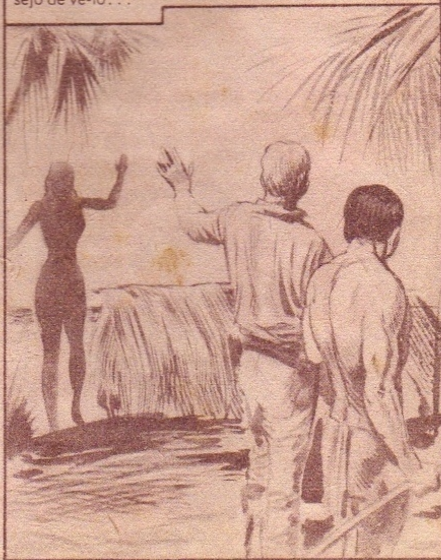
Perto da margem do rio, o cristão escolheu um lugar para levantar a cabana. Poti cortou esteios dos troncos da carnaúba; a filha de Arakén ligava os leques da palmeira para vestir o teto e as paredes; Martim cavou a terra e fabricou a porta das fasquias da taquara. Quando veio a noite, os dois esposos armaram a rêde em sua nova cabana; e o amigo armou também sua rêde no copiar que olhava para o nascente...

Quatro luas tinham alumiado o céu depois que Iracema deixara os campos do Ipu; e três depois que ela habitava nas praias do mar a cabana de seu espôso...



A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha, que abandona o ninho no país onde começa a estação das flores. Também Iracema achara ali nas praias um ninho de amor, nova pátria para seu coração. Como o colibri borboleteando entre as flores da acácia, ela discorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao hombro do espôso e sorrindo...

Martim partia para a caça com Poti. Iracema separava-se dêle então, para sentir ainda mais ardente o desejo de vê-lo...



José de Alencar — IRACEMA

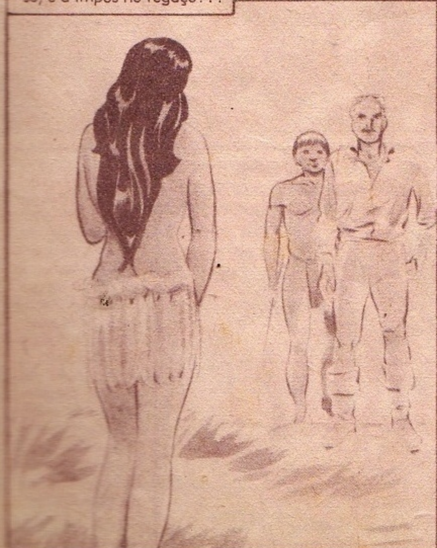
Perto havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Os guerreiros pitiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam a essa lagoa Porangaba, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã...



Para lá, tôdas as manhãs, Iracema volvia o ligeiro passo. Era a hora do banho; atirava-se à água, e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs...



Depois do banho Iracema aguardava Martim de volta da caça. Certa manhã o guerreiro branco e o pitiguara viram-na de longe. Caminhava para êles com o passo altivo da garça que passeia à beira dágua. Por cima da carioba trazia uma cintura de flores de maniva, que era o simbolo da fecundidade. Travou da mão do espôso, e a impôs no regaço...















A filha de Arakén foi apanhar no interior da cabana as iguarias do festim e os vinhos de genipapo e mandioca. Os guerreiros beberam copiosamente e trançaram as danças alegres. Entrou a noite alumiada pelas fogueiras em tôrno das quais ressoavam as canções...

A alegria ainda morou na cabana todo o tempo que as espigas de milho levaram a amarelecer. Uma alvorada caminhava o cristão pela borda do mar. Sua alma estava cansada. O colibri sacia-se de mel e perfume; depois adormece em seu ninho, até que volta no outro ano a lua das flores. Como o colibri, a alma do guerreiro também satura-se de felicidade, e carece de sono e repouso. A caça e as excursões pela montanha em companhia do amigo, as carícias da terna espôsa que o esperavam na volta, e o doce carbeto no copiar da cabana, já não acordavam nêle as emoções de outrora. Seu coração ressonava. Certo dia os olhos de Martim viram um barco de muitas velas, como construíam seus irmãos; e a saudade da pátria apertava-lhe no seio...







Chegou das margens do rio das garças um guerreiro pitiguara, mandado por Jacaúna a seu irmão Poti. Êle veio seguindo o rastro dos viajantes até o Trairi, onde os pescadores o guiaram...



O mensageiro partiu. Poti vestiu suas armas, e caminhou para a várzea, guiado pelo passo de Coatiabo. Êle o encontrou muito além, vagando entre os canaviais que bordam as margens de Aquiraz...



E os dois logo partiram para as bandas do nascente. O cristão parou de repente e voltou o rosto para as bandas do mar; a tristeza saiu de seu coração e subiu à fronte...



Poti refletiu. Da aljava de setas que Iracema emplumara de penas vermelhas e pretas, e suspendera aos ombros do espôso, tirou uma...



O chefe pitiguara vibrou o arco; a seta rápida atravessou um goiamum que discorria pela margem do lago...

Fincou o guerreiro no chão a flecha, com a pena atravessada, e tornou para Coatiabo...



Martim sorriu. E quebrando um ramo de maracujá, a flor da lembrança, entrelaçou-a na haste da seta, e partiu seguido por Poti. Breve desapareceram os dois guerreiros entre as árvores...



O calor do sol já tinha secado os passos dos guerreiros na beira do lago, quando Iracema inquieta veio pela várzea seguindo o rasto do espôso até o taboleiro. Seus olhos viram a seta do espôso fincada no chão, o goiamum transpassado, o ramo partido, e encheram-se de pranto...



Desde então à hora do banho, em vez de buscar a lagoa da beleza, onde outrora tanto gostava de nadar, caminhava para aquela, que vira seu espôso abandoná-la. Sentava-se junto à flecha, até que descia a noite. Depois recolhia à cabana...



Triste e só, como se achava, a lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu; as encostas da serra onde nascera, a cabana de Arakén, e teve saudades. Mas naquele instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado...



Uma tarde Iracema viu de longe dois guerreiros que avançavam pelas praias do mar. Seu coração palpitou mais apressado . . .





Martim e seu irmão haviam chegado à taba de Jacaúna, quando soava a inúbia. Êles guiaram ao combate os mil arcos de Poti. Ainda desta vez os tabajaras, apesar da aliança dos brancos tapuias do Mearim, foram levados de vencida pelos valentes pitiguaras. Após a vitória o cristão tornara às praias do mar, onde havia construído a sua cabana, e onde o esperava a terna espôsa . . .

Passam-se muitas luas e sóis. O cristão amava a filha do sertão, como nos primeiros dias. Mas o imbu, filho da serra, se nasce na várzea, vinga achando boa a terra e fresca a sombra. Mas basta um sôpro do mar, para que murche. Como o imbu era o coração de Martim. O amigo e a espôsa não bastavam mais à sua existência aventureira. Passava agora os longos sóis na praia, com os olhos engolfados na imensidade do horizonte . . .



Distante da cabana, se elevava à borda do oceano um alto morro de areia. A êsse morro subia o cristão. Vinha-lhe à mente a idéia de tornar à sua terra e aos seus; mas êle sabia que Iracema o acompanharia . . .

Iracema também foge dos olhos do espôso, porque já percebeu que êsses olhos tão amados se turbam com a vista dela e, em vez de se encherem de beleza, como outrora, a despedem de si . . .



Uma vez o cristão ouviu dentro em sua alma o soluço de Iracema . . .



Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que Iracema pousara nêle o tinham ferido no íntimo...





Martim cingiu o talhe da formosa filha de Arakén, e a estreitou ao peito. Seu lábio pousou no lábio da espôsa um beijo, mas êsse beijo foi áspero e morno. A ânsia pelos seus e o espírito de aventura do guerreiro eram profundos sentimentos em sua alma. A saudade crescia em seu peito. Um dia, do alto do morro de areia, Martim viu um grande navio sulcando o mar...



Na mesma hora, Poti voltou do banho. Segue na areia o rastro de Martim, e sobe ao alto do monte de areia. Ali encontra o guerreiro branco em pé no cabeço do promontório, com os olhos alongados e os braços estendidos para o oceano...

Poti encara Coatiabo, e pergunta comovido...





José de Alencar — **IRACEMA**

Poti acordou a voz da inúbia; e os dois amigos partiram para o Mocoripe. Pouco além viram os guerreiros de Jaguaraçu e Camoropim, que corriam ao grito da guerra. O irmão de Jacaúna os avisou da vinda do inimigo...

Entretanto o grande navio corre nas ondas, ao longo da terra que se dilata até às margens da Parnaíba...



Os guerreiros pitiguaras, para não espantarem o inimigo, se ocultam entre os cajueiros; e vão seguindo pela praia a grande igara. Muitos sóis caminham assim. Passam a Camocim, e afinal pisam as lindas ribeiras da enseada dos papagaios...



Ali se abriga o navio. De bordo partem ligeiros botes com guerreiros inimigos em seu bôjo. Martim dispõe os defensores no alto dos coqueiros...



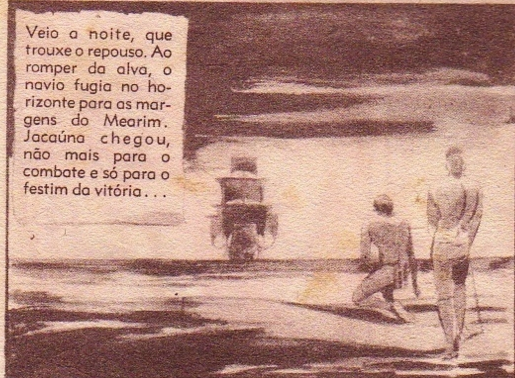
Mas nação alguma jamais vibrou o arco certeiro, como a grande nação pitiguara...



E cada guerreiro inimigo tomba crivado de muitas flechas...



Veio a noite, que trouxe o repouso. Ao romper da alva, o navio fugia no horizonte para as margens do Mearim. Jacaúna chegou, não mais para o combate e só para o festim da vitória...



Nessa hora, em que o canto guerreiro dos pitiguaras celebrava a derrota dos guaraciabas, o primeiro filho, que o sangue da raça branca gerou nesta terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba...




A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e, com êle, arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o, aleitou-o e envolveu-o com seus olhos cheios de tristeza e amor...
Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento.


De volta à cabana, a recente mãe pousou a criança adormecida na rêde; e deitou-se na esteira. A luz da manhã entrava pela cabana, e Iracema viu entrar com ela a sombra de um guerreiro...
Caubi!


De ímpeto, a espôsa de Martim tomou do arco para defender o filho...
Não foi a vingança que arrancou Caubi aos campos dos tabajaras; êle já perdoou. Foi a vontade de vêr Iracema; a que trouxe consigo tôda a alegria.
Então benvindo seja o guerreiro Caubi à cabana de seu irmão.
Iracema abriu a franja de penas e mostrou a criança...

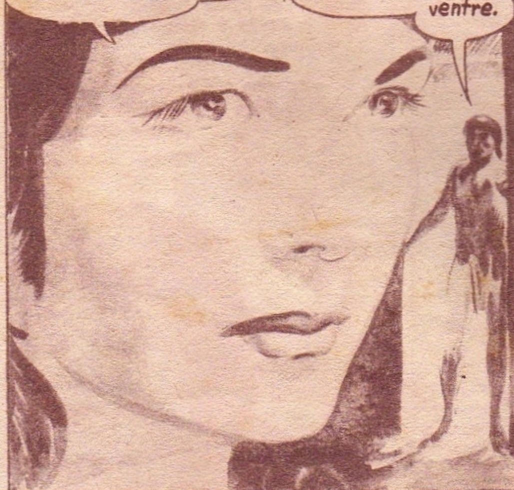

Os olhos de Caubi sorriram ao contemplarem o filho de Martim, que dormia...
O nascido de teu seio é o teu contentamento. Mas... depois da tua partida dos campos tabajaras, a cabeça do velho Arakén vergou para o peito e nunca mais se ergueu.
Tu lhe dirás que Iracema já morreu, para que êle se console.

Com estas palavras, a irmã de Caubi curvou a fronte. Os lábios suspirosos da mísera moveram-se, como as pétalas do cacto que um sôpro amarrota, e ficaram mudos. As lágrimas debulharam dos olhos e caíram em bagas...



A voz do tabajara enrouquecera. Seu passo inquieto volveu a esmo pela cabana. O guerreiro anuviou-se...





Iracema tirou da rêde a criança; e ambos, mãe e filho, palpitaram sôbre o peito do guerreiro tabajara. Depois, Caubi passou a porta e sumiu-se entre as árvores. Iracema dissolveu a alva carimã e preparou o mingau para nutrir o filho...







Caiu desfalecida. Japi lambia-lhe a mão fria, e pulava travêsso, soltando latidos. Depois, a pobre reanimou-se e voltou à cabana...

José de Alencar IRACEMA

Por êsse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tanapé; seu irmão Poti, o insepáravel, caminhava a seu lado. Oito luas havia que êle deixara as praias de Jacarècanga. Vencidos os guaraciabas, na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás...





Poti e seus guerreiros o acompanharam. Depois transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tanàtinga e banha as várzeas onde se pesca o piau; viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia.



A raça de cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio...



Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que êle agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoripe; já lhe bafeja o rosto o sôpro vivo das vagas do oceano. Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna, e pesado. Tem mêdo de chegar. Sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da espôsa, entrarem nela. Há muito que a palavra desertou do seu lábio sêco; o amigo respeita êste silêncio, que êle bem entende. É o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios...

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão a chamá-los. O cristão parou calcando a mão no peito para sofrear o coração, que saltava como um poraquê...



O cristão moveu o passo vacilante. De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço, e o cão a brincar. Seu coração o arrojou de um ímpeto, e a alma lhe estalou nos lábios...

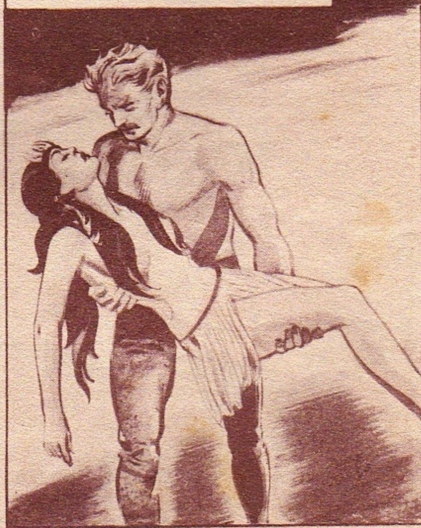


Ao desmaiar, na clareira, sentiu Iracema que seu fim estava próximo. Voltara à consciência passado tempo. Arrastara-se para a cabana e apanhara o filho. Assim a encontrara Martim...


A triste espôsa e mãe só abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esfôrço grande pôde erguer o filho nos braços, e apresentá-lo ao pai, que o olhava estático em seu amor..
Recebe o filho de teu sangue.


Era tempo; meus seios ingratos já não tinham alimento para dar-lhe!


Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu, como a jetica, se lhe arrancam o bulbo...


O espôso viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá...

Iracema não se ergueu mais da rêde onde a pousaram os braços aflitos de Martim . . .



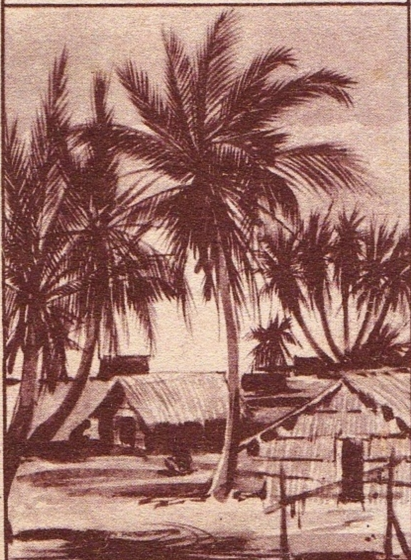
O doce lábio emudeceu para sempre. O último lampejo despediu-se dos olhos baços. O camocim, que recebeu o corpo de Iracema, embebido em resinas odoríferas, foi enterrado ao pé do coqueiro, à borda do rio. Martim quebrou um ramo de murta, a fôlha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua espôsa. A jandaia pousada no ôlho da palmeira repetia tristemente: "Iracema!" Desde então os guerreiros pitiguaras que passavam perto da cabana abandonada, e ouviam ressoar a voz plangente da ave amiga, afastavam-se, com a alma cheia de tristeza, do coqueiro onde cantava a jandaia. Foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio.



O cajueiro floresceu quatro vêzes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora . . .



Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio, e esperava o irmão que lhe prometera voltar.



Afinal volta Martim. Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com êle a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem. Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria êle que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só coração... Jacaúna veio habitar nos campos de Porangaba, para estar perto de seu amigo branco...

Voltando de novo às terras que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade, seu pé sentiu o calor das brancas areias, mas em seu coração derramou-se um fogo, que o requeimou; era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas. Só aplacou essa chama quando êle se ajoelhou sôbre a terra onde dormia sua espôsa; porque nêsse instante seu coração transudou, como o tronco do jataí nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.

A jandaia cantava ainda no ôlho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sôbre a terra...

FIM

Argumento Histórico

— Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Paraíba, partiu como capitão-mór de descoberta, levando uma fôrça de 80 colonos e 800 índios. Chegou à foz do Jaguaribe e aí fundou o povoado que teve o nome de *Nova Lisboa*.

Foi êsse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos sócios, mandaram-lhe João Soromenho com socorros. Êsse oficial, autorizado a fazer cativos para indenização das despesas, não respeitou os próprios índios de Jaguaribe, amigo dos Portuguêses.

Tal foi a causa da ruína do nascente povoado. Retiraram-se os colonos, pelas hostilidades dos indígenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo, obrigado a voltar à Paraíba por terra, com sua mulher e filhos pequenos.

Na primeira expedição foi do Rio Grande do Norte um moço de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de D. Diogo de Meneses, voltou a dar princípio à regular colonização daquela capitania: o que levou a efeito, fundando o presídio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna, que habitava as margens do Acaracu, veiu estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa.

Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Felipe Camarão, que ilustrou na guerra holandesa. Seus serviços foram remunerados com o fôro de fidalgo, a comenda de Cristo, e o cargo de capitão-mór dos índios.

Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo, e foi um dos excelentes cabos portuguêses que libertaram o Brasil da invasão holandesa. O Ceará deve honrar sua memória como a de um prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada.

Êste é o argumento histórico da lenda; em notas especiais se indicarão alguns outros subsídios recebidos dos cronistas do tempo.

Há uma questão histórica relativa a êste assunto: falo da pátria do Camarão, que um escritor pernambucano quis pôr em dúvida, tirando a glória ao Ceará para a dar à sua província.

Êste ponto, aliás sòmente contestado nos tempos modernos pelo Sr. comendador Melo em suas *Biografias*, me parece suficientemente elucidado já, depois da erudita carta do Sr. Basílio Quaresma Torreão publicada no *Mercantil* n.º 26 de 26 de janeiro de 1860, 2.ª página.

Entretanto farei sempre uma observação.

Em primeiro lugar a tradição oral é uma fonte importante da história, e às vêzes a mais pura e verdadeira. Ora na província do Ceará, em Sobral, não só referiam-se entre gente do povo notícias do Camarão, como existia uma mulher que se dizia dêle sobrinha. Essa tradição foi colhida por diversos escritores, entre êles o conspícuo autor da *Corografia Brasílica* O autor do Valeroso Lucideno é, dos antigos, o único que positivamente afirma ser Camarão filho de Pernambuco; mas além de encontrar êste asserto a versão de outros escritores de nota, acresce que Berredo explica perfeitamente o dito daquele escritor, quando fala da expedição de Pero Coelho de Sousa a Jaguaribe, *sitio naquele tempo e também no de hoje da jurisdição de Pernambuco*.

Outro ponto é necessário esclarecer, para que não me censurem de infiel à verdade histórica. É a nação de Jacaúna e Camarão que alguns pretendem ter sido a tabajara.

Há nisso manifesto engano.

Em tôdas as crônicas se fala das tribos do Jacaúna e Camarão, como habitantes do litoral e tanto que auxiliam a fundação do Ceará como já haviam auxiliado a da Nova Lisboa em Jaguaribe. Ora, a nação que habitava o litoral entre o Parnaíba e o Jaguaribe ou Rio Grande, era a dos Pitiguaras, como atesta Gabriel Soares. Os Tabajaras habitavam a serra de Ibiapaba, e portanto o interior.

Como chefes dos Tabajaras são mencionados Mel Redondo no Ceará e Grão Diabo em Piauí. Êsses chefes foram sempre inimigos irreconciliáveis e rancorosos dos portuguêses, e aliados dos franceses do Maranhão, que penetraram até Ibiapaba. Jacaúna e Camarão são conhecidos por sua aliança firme com os portuguêses.

Mas o que solve a questão é o seguinte texto. Lê-se nas *memórias diárias* da guerra brasílica do conde de Pernambuco: — "1834, janeiro, 18. — Pelo bom procedimento com que havia servido A. Ph. Camarão o fêz El-rei capitão-mór de todos os índios não sòmente de *sua nação, que era Pitiguara*, mas das outras residentes em várias aldeias".

Esta autoridade, além de contemporânea, testemunhal, não pode ser recusada, especialmente quando se exprime tão positiva e intencionalmente a respeito do ponto duvidoso.

JOSÉ DE ALENCAR

Quem foi JOSÉ de ALENCAR

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 4)

natal, que êle conhece perfeitamente, e o tipo do vaqueiro que ama em silêncio a filha do seu patrão e que procura, com uma raiva íntima, afastar todos aquêles que ela possa amar, está traçado com vigor.

José de Alencar foi à Europa em 1876. Voltando ao Brasil, foi inesperadamente colhido pela morte no ano de 1877, quando acabava de completar 48 anos, e quando se achava, portanto, na fôrça da vida. Seu falecimento enlutou a literatura brasileira, e aquêles mesmos que tinham combatido "Sênio", pseudônimo querido de José de Alencar, foram os primeiros a render homenagem ao grande vulto, logo que êle desapareceu da cena pública.

Elucidário de JOSÉ *de* ALENCAR

ABATI — Arroz.

ACANÃ — Espécie de gavião.

ACARACU — Significa rio, ou ninho, das garças.

ANAJÊ — Gavião.

ANDIRA — Nome de uma espécie de grandes morcegos. — É em alusão ao nome de Andira que Irapuã dirige palavras de desprêzo ao velho guerreiro.

ANDIROBA — Árvore de que se extrai um produto oleoso, como o azeite, mas muito amargo.

ANHANGÁ — Espírito do mal. — O diabo, na língua tupi.

ARACATI — Os selvagens assim chamavam às brisas do mar que sopram regularmente ao cair da tarde e correndo pelo vale do Jaguaribe se derramam pelo interior e o refrigeram da calma abrasadora do sertão. Daí resultou chamar-se Aracati o lugar de onde vinha a monção.

ARAXÁ — Planalto. chapada ou chapadão.

BOICININGA — Cobra cascavel.

CAMOCIM — O mesmo que *Camotim*. Grande pote de barro onde algumas tribos indígenas metiam cadáveres para os enterrar.

CARBETO — Espécie de serão que faziam os índios à noite em uma cabana maior, onde todos se reuniam para conversar.

CARIMÃ — Massa de mandioca.

CARIOBA — Camisa de algodão.

CAUIM — Espécie de bebida preparada com a mandioca cozida e fermentada.

COANDU — Cobra cascavel.

COATIABO — O que se deixou pintar.

COLIBRI — Pássaro. O mesmo que *Beija-Flor, Pica-Flor ou Chupa-Mel*.

COPIAR — Varanda, alpendre.

EMA — Avestruz.

EMBOABAS — Nome dado aos portuguêses que entravam no sertão em busca das minas.

ENSEADA DOS PAPAGAIOS — É a baía da Jerecoacoara. Um dos bons portos do Ceará.

ESTRÊLA MORTA — Assim era chamada a estrêla Polar, por causa da sua imobilidade. Por ela se orientavam os selvagens durante a noite.

GRAÚNA — Pássaro de côr negra, luzidia.

GUAIAMU — O mesmo que Caranguejo.

GUARACIABAS — "Cabelos de sol". Os europeus de cabelos louros.

IBIAPABA — Serra ao Norte do Piauí. Terra a pique.

IGAÇABA — Vaso, pote, vasilha.

IMBU — Fruta saborosa.

INHAÚMA — O mesmo que *Anhuma*. Ave noturna que canta regularmente ao meio da noite.

INTANHA — Sapo.

INÚBIA — Trombeta de guerra.

IPU — Terreno úmido adjacente a pequenos montes, formando várzeas ou vales por onde correm as águas que dos montes derivam.

IRACEMA — Lábios de mel.

IRAPUÃ — O mesmo que *Arapuá* — Nome de uma abelha virulenta e brava. — O guerreiro de que aqui se trata é o célebre Mel-Redondo, chefe dos Tabajaras da serra Ibiapaba; foi encarniçado inimigo dos portuguêses, e amigo dos franceses.

ITAOCA — Casa de pedra. Fortaleza.

JACARÈCANGA — Morro na praia do Ceará.

JACAÚNA — Jacarandá preto. — Êste Jacaúna é o célebre chefe, amigo de Martim Soares Moreno.

JAGUARIBE — Êste rio tirou o nome da quantidade de onças (jaguares) que povoavam suas margens.

JANDAIA — Periquito grasnador.

JAPI — Significa "nosso pé". O pé da gente.

JETICA — Batata doce.

JUREMA — Árvore pouco alta, de folhagem espêssa. Dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual, juntamente com as fôlhas e outros ingredientes, preparavam os selvagens uma bebida entorpecente.

MAIRI — Cidade. Povoado dos brancos.

MANACÁ — Linda flor.

MANGABA — Fruta da *mangabeira*.

MANIVA — O mesmo que *manaíba*. Muda de aipim ou mandioca.

MEMBI — Buzina de guerra.

MERUOCA — Serra junto de Sobral, no Ceará.

MOACIR — Filho do sofrimento.

MOCORIPE — Morro na enseada do mesmo nome, próximo a Fortaleza.

OCARA — Praça circular que ficava no centro da taba, cercada pela estacada e para a qual abriam tôdas as casas.

O DIA VAI FICAR TRISTE — Vai anoitecer. Os indígenas tiravam a imagem da tristeza da sombra da tarde, ou do crepúsculo.

OITIBÓ — Ave noturna. Espécie de coruja.

ONDE CANTA A JANDAIA — Diz a tradição que "Ceará" significa, na língua indígena: *Canto da Jandaia*.

PAJÉ — Chefe espiritualista dos indígenas, misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro.

PIAU — Peixe, que deu o nome ao Rio Piauí.

PITIGUARA — Tribo de índios que habitava o litoral da província que se estendia do Parnaíba ao Rio-Grande.

POCEMA — Grande alarido que faziam os selvagens nas ocasiões de alegria.

PORANGABA — Significa beleza. Esta lagoa tem hoje o nome de Arronches.

PORAQUÊ — Peixe de rio, também chamado *Peixe-elétrico*.

POTENGI — Rio que rega a cidade de Natal.

POTIGUARA — Comedor de camarões. — Nome que por desprêzo davam os inimigos aos Pitiguaras, que habitavam as praias e viviam em grande parte da pesca.

QUEBRAR A FLECHA DA PAZ — Era entre os índios a maneira simbólica de estabelecer a paz, entre as tribos ou entre dois guerreiros inimigos.

SAPOPEMA — Raiz que cresce com o tronco, formando em volta dêle divisões achatadas, elevando às vêzes a dois metros acima do solo.

SOIPÉ — Lugar onde existe caça.

TABA — Aldeia dos índios.

TABAJARA — Senhor das aldeias. Tribo que dominava o interior da província, especialmente a Serra de Ibiapaba.

TACAPE — Arma dos índios. Espécie de clava.

TAMANDUÁ — Mamífero que se alimenta de formigas.

TAPUIA — Bárbaro, inimigo.

TAPUITINGAS — Nome que os pitiguaras davam aos franceses para diferençá-los dos tupinambás, que eram inimigos seus.

TRAIRI — Rio distante algumas léguas do norte da capital do Ceará.

TUPÃ — Denominação tupi do trovão.

TUBINAMBÁS — Indígenas do ramo primitivo da grande raça tupi.

URU — Cestinho que servia de cofre para guardar os objetos de estimação.

URUBURETAMA — Significa ninho de urubus.